

APRESENTAÇÃO

Dossiê “Reflexões sobre a condição feminina na poesia e na crítica brasileira escrita por mulheres”

DOI: 10.47677/glüks.v25i03.575

RISSARDO, Agnes (UERJ)

CORVINO, Juliana Diniz Fonseca (UFV)

“Assim foi modelado o objeto: / para subserviência. / Tem olhos de ver e apenas entrevê. / Não vai longe seu pensamento / cortado ao meio pela ferrugem / das tesouras. É um mito sem asas, / condicionado às fainas da lareira. / Seria um cântaro de barro afeito / a movimentos incipientes / sob tutela”¹.

A metáfora da “modelagem” feminina, imortalizada por Henriqueta Lisboa em *Pousada do ser* (1982), nos convida a pensar nas engrenagens de silenciamento que historicamente buscaram enquadrar a mulher em um estado de subserviência e submissão. Partindo dessa reflexão sobre a condição feminina no mundo e a sua representação na poesia e na crítica brasileira, este dossiê reúne artigos que perscrutam a produção poética de autoria feminina como um campo essencial para reavaliar e repensar o cânone e as sensibilidades políticas da literatura escrita por mulheres.

A coletânea de textos aqui apresentada evidencia que a poesia de autoria feminina configura um panorama em constante renovação. Ao percorrer desde o resgate de vozes silenciadas pela tradição até o enfrentamento das poéticas contemporâneas, este dossiê reafirma a importância de olhar para o texto poético como um espaço de produção de presença e de desobediência estética.

No primeiro artigo, “Nem vata, nem antivata: ‘poesia de recusa’ e o caso Lygia de Azevedo Campos”, Gabriel Costa Resende Pinto Bastos dos Santos parte da discussão sobre a ‘poesia de recusa’ de Augusto de Campos para analisar o único livro póstumo da companheira

¹ LISBOA, Henriqueta. “Modelagem”. In: LISBOA, Henriqueta. *Pousada do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

do escritor, Lygia de Azevedo Campos, e debater como vozes silenciadas apresentam uma postura crítica capaz de desestabilizar a tradicional hegemonia masculina e as contradições de poetas homens que, mesmo sendo vanguardistas, revelam uma condescendência com as chaves ‘menores’ da escrita de autoria feminina.

Em “Nuances do corpo afetivo feminino em *Águas da Cabaça*, de Elizandra Souza”, Aline Deyques Viera empreende um estudo sobre a ocupação de espaços e a afirmação de subjetividades na escrita de autoria negra feminina. Com base na obra de estreia de Elizandra Souza, a autora investiga como uma lírica que transita entre a literatura marginal/periférica e a tradição ancestral consegue ressignificar o trauma. O corpo da mulher negra e periférica é apresentado como um território de “escrevivência”, no qual a memória do *hip hop* e a oralidade do *rap* se unem à denúncia da violência física e simbólica.

Se a resistência feminina se expressa pela recusa e pela “escrevivência”, ela também encontra no riso maneira de se manifestar, como apresenta o artigo “Uma poética irônica feminista à volta dos anos 1970”, de Victoria Zanetti Largura. O texto analisa como as poetisas Leila Mícolis, Alice Ruiz e Ledusha transformaram a “modernização conservadora” do período ditatorial com humor e ironia. Em um cenário de repressão, as autoras lançaram mão da sátira para politizar e questionar as normas de gênero, transformando o sarcasmo em uma estratégia de sobrevivência.

Aprofundando o olhar sobre as dinâmicas da vida privada, o artigo “A condição da mulher no casamento: uma leitura de ‘Os lugares comuns’ e ‘Enredo para um tema’, de Adélia Prado”, de Bianca Pandeló, aborda o silenciamento e a submissão feminina no âmbito matrimonial. A autora aponta como Adélia Prado foge da lógica hegemônica de representação romantizada do casamento e volta sua escrita para uma realidade de opressão, especialmente em seu livro de estreia, *Bagagem* (1976). A análise dos poemas mostra como a poeta mineira expõe um passado de apagamento da figura feminina que ainda ecoa nas relações conjugais contemporâneas.

Em seguida, a experiência da perda é o cerne do artigo “*Tanatografia da mãe*, de Isadora Fóes Krieger: elegia e luto”, de Sandro Adriano da Silva e Lorena Yasmim Rogaleski. A escrita do poema-carta de Isadora Fóes Krieger é vista como um ato elegíaco, desafiando os limites de gênero ao transformar a dor da ausência materna em uma obra lírica

duradoura. O texto enfatiza uma escrita marcada pela morte, onde a poesia resiste ao esquecimento e nomeia o inominável.

A crítica de autoria feminina também comparece ao dossiê, no artigo “O ensaio de voz autoral feminina na crítica literária de Lúcia Miguel Pereira (1931–1943)”, de Cleusa Piovesan, que investiga a incursão de mulheres em espaços historicamente dominados pelo pensamento lógico-racional masculino. A partir da obra *A leitora e seus personagens*, o texto resgata a postura precursora como crítica literária de Lúcia Miguel Pereira, que, ao invadir o universo canônico com erudição e autonomia, consolidou uma voz autoral subjetiva e política, essencial para compreender a função social da crítica e o fortalecimento do sujeito social feminino na intelectualidade brasileira.

Encerramos o dossiê com uma entrevista com Joelma Santana Siqueira, professora titular do Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa, sobre “As poetisas da Geração de 45”. Na conversa com Juliana Diniz Fonseca Corvino, Joelma destaca o histórico processo de apagamento das poetisas na historiografia literária e nos manuais escolares, problema que persiste apesar dos avanços dos estudos de gênero, e defende a necessidade de discutir a literatura produzida por mulheres, tratando dos desafios de sua recepção. A professora apresenta nove escritoras citadas na *Antologia poética da Geração de 45*, de Milton de Godoy Campos (1966), como Dulce Carneiro, Hilda Hilst, Idelma Ribeiro de Faria, Ilka Brunilde Laurito, Laís Correia de Araújo, Maria Isabel, Renata Pallottini, Stella Leonardos e Zila Mamede, marginalizadas pela historiografia seletiva. Ao abordar esse tema, a professora entende que a leitura da poesia escrita por mulheres foi frequentemente atravessada por estigmas ou preconceitos e que as poetisas da Geração de 45 permanecem apartadas da historiografia.

Este número da *Gláuks*: revista de Letras e Artes conta ainda com artigos da seção Varia, que transitam pelo universo da escrita de autoria feminina para além da poesia e da crítica no Brasil. No primeiro deles, “Gramaagramaagrama: Reivindicar a voz e reconstruir a história em *Whereas*, de Layli Long Soldier”, Ane Caroline Ribeiro Costa analisa a resposta poética da autora Oglala Lakota ao pedido de desculpas do governo dos Estados Unidos aos povos indígenas. A partir do pensamento de bell hooks, o texto demonstra como Long Soldier desconstrói a burocracia estatal para recuperar a agência histórica e dialoga com a

“escrevivência” e as teorias feministas transnacionais, destacando o lugar da linguagem nas relações de poder e nas hierarquias raciais.

Por fim, uma leitura que amplia as fronteiras geográficas é o artigo “A poesia como forma de desafiar as amarras da colonialidade: uma análise comparativa entre as experiências migrantes de Gloria Anzaldúa e Safia Elhillo”, de Ellen Gomes Passos, Victoria Louise Quito e Rafaela Machado. O artigo explora como a poesia de mulheres do Sul Global, ao circular pelo Norte, torna-se um instrumento de “ativismo” contra as lógicas coloniais e patriarcais que buscam silenciar corpos intrusos.

Esperamos que as reflexões propostas neste número incentivem novos diálogos e fortaleçam a crítica literária interessada na pluralidade das vozes femininas, rompendo com a tutela patriarcal que silencia a criação literária de mulheres.

Registramos nosso agradecimento aos pareceristas e aos autores que generosamente dedicaram seu tempo e contribuíram com reflexões e discussões valiosas para a construção deste número, destinado aos Estudos Literários, da *Gláuks*: revista de Letras e Artes.